

# O AGIR DO FORMADOR DE LEITORES EM SITUAÇÃO DE SALA DE AULA

Thamires Rodrigues de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva analisar as representações do agir do professor, a partir das reconfigurações do trabalho docente realizadas na linguagem quanto à formação de leitores críticos, e a partir dessa análise verificar as concepções de leitura que respaldam o trabalho do professor em situação de sala de aula, averiguar, através do dizer do professor, como o evento de leitura acontece. Nesse sentido, refletimos sobre as concepções de leitura que estão sendo assumidas pelo professor para a formação de leitores críticos em seu *agir representado*. Para análise, utilizamos as concepções de leitura discutidas por Leurquin (2001), para análise do planejamento assumido verbalmente pela professora da turma. A metodologia aplicada nesta pesquisa foi o método de *instrução ao sócio*, formulado inicialmente pelo médico e psicólogo italiano –Oddone. Para Clot (2007, p. 143-144) o objetivo deste método "é uma transformação do trabalho do sujeito mediante um deslocamento de suas atividades", com base na reconfiguração do que ele diz sobre o seu trabalho. Com a pesquisa, a partir da instrução do professor que participou da entrevista, constatamos que o modelo que fundamenta a sua aula de leitura é modelo Sociopsicolinguístico apresentado por Braggio (2005), em que a construção de sentido do texto não acontece apenas entre leitor-autor via texto, mas também através dos sujeitos envolvidos no evento de leitura e na construção de novos sentidos. É neste modelo que o professor deixa de ser mero transmissor do conhecimento e passa a ser formador de leitores capazes de refletir a sociedade a qual estão inseridos.

**Palavras-chaves:** Aula de leitura, modelos de leitura, cidadãos críticos.

**Abstract:** This article aims to analyze the representations of the teacher's action, based on the reconfigurations of the teaching work carried out in the language regarding the formation of critical readers. In order to verify the conceptions of reading that support the work of the teacher in the classroom situation, inquire, through the teacher's saying, how the reading event happens. In this sense, we reflect on the conceptions of reading that are being assumed by the teacher for the formation of critical readers in their represented role. For analysis, we used the reading conceptions discussed by Leurquin (2001), to analyze the planning assumed verbally by the class teacher. The methodology applied in this research was the method of instruction to the partner, formulated initially by the Italian physician and psychologist Oddone. For Clot (2007, pp. 143-144) the aim of this method "is a transformation of the subject's work by a shift of his activities", based on the reconfiguration of what he says about his work. With the research, from the instruction of the teacher who participated in the interview, we find that the model that bases his reading class is a Sociopsicolinguistic model presented by Braggio (2005), in which the construction of sense of the text does not happen only between reader- author via text, but also through the subjects involved in the reading event and in the construction of new senses. It is in this model that the teacher ceases to be mere transmitter of knowledge and becomes a formator of readers capable of reflecting the society to which they are inserted.

**Keywords:** Reading class, reading models, critical citizens.

## Introdução

Trabalhar leitura com os adolescentes, na realidade atual, não pode ser considerada uma tarefa fácil. Existem vários fatores que fazem com que os estudantes, principalmente na faixa etária entre 13 a 17 anos, percam ou não tenham nenhum interesse pela leitura. O professor do Ensino Básico, em específico, da rede pública, tem enfrentado grandes desafios em levar a leitura para sala de aula, e trazer discussões dos

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Letras – Português, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. E-mail: thamires.tp94@hotmail.com

textos lidos a fim de tornar seus alunos cidadãos capazes de pensar e questionar a sociedade em que vivem.

A partir do reconhecimento dessas dificuldades enfrentadas pelos profissionais de língua portuguesa e as possíveis dificuldades encontradas pelo professor para se posicionar como mediador no trabalho de leitura (OLIVEIRA & ANTUNES, 2013), sentimos a necessidade de realizar o presente trabalho, que tem como objetivo analisar as representações do agir do professor a partir das reconfigurações do trabalho docente realizadas na linguagem, quanto à formação de leitores críticos. Para análise dessas representações, utilizamos as *noções de agir humano e agir representado*, que são categorias fundamentadas no quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), mais especificamente, em Bronckart (2009). Desta forma, verificamos que as concepções de leitura que respaldam o trabalho do professor em situação de sala de aula, através das observações do que ele diz sobre como o evento de leitura acontece. A análise das representações do formador de leitores nos possibilita refletir sobre as concepções que estão sendo assumidas pelo mediador dos conhecimentos para a formação de leitores críticos.

Para gerar os nossos dados, utilizaremos o método de Instrução ao Sósia. Este método foi formulado inicialmente pelo médico e psicólogo italiano Ivar Oddone, e era utilizado em seminários de formação operária junto aos trabalhadores da FIAT, em Turim (Batista & Rabelo, 2013). Para Clot (2007, p. 143-144), o objetivo deste método "é uma transformação do trabalho do sujeito mediante um deslocamento de suas atividades".

Este trabalho tem grande relevância, por ser o primeiro realizado em escolas municipais da cidade de Redenção, visando analisar o agir do professor e a importância de sua intervenção para a formação de leitores críticos, e após a realização dessa análise, foi possível refletir sobre as implicações das concepções teóricas assumidas pelo professor para formação de leitores.

## **1 O agir do formador de leitores**

Ser professor é um ofício muito complexo, pois o professor é o responsável por levar o conhecimento a uma geração que necessita ser capaz de indagar e refletir sobre os problemas da realidade social em que estão situados. Não é novidade que alguns professores mesmo com o vasto mundo de conhecimentos não busquem atualizar ou aprimorar suas práticas de ensino. No caso da formação de leitores, o quadro não é diferente, ainda podemos perceber muitas práticas de leitura ancoradas em concepções teóricas pouco engajadas na formação de leitores críticos.

O agir do professor é sempre atravessado por concepções teóricas, podemos afirmar que não existe prática pedagógica neutra. Mesmo que o professor não consiga afirmar quais foram as concepções teóricas que embasaram sua aula, sempre haverá modelos de leitura que influenciam a prática do formador de leitores. Essas concepções teóricas, necessariamente, trazem desdobramentos para a formação do aluno. E, no nosso caso em estudo, para a formação do leitor crítico.

Na análise do agir do formador de leitores, trataremos, inicialmente, nessa seção teórica, sobre os conceitos de agir humano e agir representado, descrito no quadro teórico do ISD. Em seguida, problematizamos sobre as concepções de leitura que atravessam a aula de língua portuguesa, utilizando a classificação sugerida por Braggio (1992) em que trata de quatro concepções de leitura. Em seguida, em uma seção de explicitação metodológica, descreveremos o método de geração dos nossos dados, Instrução ao Sósia. E por fim, faremos a análise das representações do agir do formador de leitores.

### ***1.1 O agir do professor***

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD-), que é o quadro teórico que aderimos em relação ao conceito de agir humano e representação, tem como objetivo analisar a relação entre linguagem e desenvolvimento humano, pois, de acordo com Peixoto (2011), sem a linguagem, não é possível o homem acessar e representar a realidade na qual está inserido. Assim, a linguagem constitui o meio específico do humano, seu meio

natural, e não uma simples faculdade ou instrumento que permite o homem traduzir a realidade.

Para Bronckart (2007, p.43) o próprio agir humano possui uma certa intenção prática à validade em relação às coordenadas dos mundos representados. Para o autor, estes mundos representados são usados pelo homem como guia para a sua ação no mundo, sendo os parâmetros balizadores do agir de linguagem do homem. Dentro dessa perspectiva, de uma maneira simplificada, Bronckart (2007) considera três mundos representados: o mundo objetivo, que tem relação com os parâmetros de representação do mundo físico; o mundo social, referentes às regras sociohistoricamente determinadas e o mundo subjetivo, referente às internalizações parciais realizadas pelos indivíduos dos mundos representados. Para o ISD, a partir desses mundos, podemos perceber três formas de agir: o agir intencional pretende estar de acordo com a verdade dos conhecimentos (o mundo objetivo); o agir regulado por normas pretende estar em conformidade com as regras sociais (o mundo social); e o agir dramatúrgico pretende ser autêntico em relação ao sujeito do agir (mundo subjetivo). E todas essas pretensões são reveladas na atividade de linguagem.

Dentro dessa perspectiva, Bronckart e Machado (2004) afirmam que o uso do termo agir é importante para designar qualquer forma de intervenção orientada do ser humano no mundo, podendo ser desmembrado em agir geral e agir de linguagem. Para compreensão dessa distinção, Bronckart (2008) define, em seu texto, que todas as espécies animais têm formas de agir socializado, mas o agir de linguagem, a partir da linguagem articulada e semiotizada, é uma característica da espécie humana. O agir geral são atividades coletivas que organizam as interações do homem com o meio ambiente e, ao serem instrumentalizada, na verdade, o mundo de significação do homem. O agir de linguagem é uma atividade de linguagem em uso. Essa atividade serve para criar normas, valores, além de planejar, regular e avaliar as atividades coletivas. Podemos citar, como exemplo, o agir da professora

em sala de aula que é decomposto em várias dimensões, que vão além do trabalho realizado em sala de aula.

As representações acerca do trabalho do professor são construídas pelo trabalhador, que se ancora em regras advindas do coletivo de professores e as res-significam a partir do seu contexto de trabalho. Essas representações podem ser depreendidas na linguagem e pela linguagem, a partir de categorias linguístico-discursivas em três contextos distintos: *agir real*, *agir representado*, *agir do entorno-precedente*. Para Bronckart (2008), o *entorno-precedente* ao agir corresponde aos documentos, leis e outros instrumentos que regulam e influenciam o trabalho real do indivíduo. O *agir representado* corresponde ao que o trabalhador diz sobre o seu trabalho real ou ao que outros, que não estão diretamente envolvidos com esse trabalho, dizem a respeito *agir-referente* ou agir real. E o agir real, diz respeito à ação, ou tarefa real do indivíduo.

No tópico a seguir trataremos de forma mais aprofundada do *agir representado*, refletido por Bronckart (2008). E levaremos em consideração o professor diz sobre como realiza seu trabalho em sala de aula, o que o difere do agir real. Desta forma, o nosso estudo é feito a partir do discurso do professor sobre sua atuação em situação de sala de aula.

## **1.2 O agir representado**

A teoria das Representações Sociais é aplicada em diferentes áreas do conhecimento, como a Filosofia, Psicologia e outras ciências sociais. Ela busca explicar os eventos do homem a partir de uma concepção coletiva, sem esquecer-se de levar em consideração a singularidade de cada indivíduo. Desta forma, é imprescindível a análise de diferentes representações no campo da linguagem, para entender a origem dos estudos das representações sociais. No entanto, nosso objetivo nesse artigo, não é fazer uma discussão sobre o conceito de

representação, mas aplicar este conceito a partir do Interacionismo Sócio Discursivo.

Bronckart (2009) é quem trata o conceito de representação dentro do Interacionismo Sociodiscursivo e conceitua as representações como conhecimentos coletivamente construídos por meio de convenções em interações sociais, manifestadas na necessidade do agir comunicativo.

O agir representado, aqui supracitado, refere-se de acordo com Bronckart, ao que o trabalhador diz sobre o seu trabalho real ou ao que outros dizem, mesmo quando não estão diretamente envolvidos com esse trabalho.

Em nossa pesquisa, faremos uso das representações feitas pelo professor a partir do seu agir real em sua situação de comunicação atuando em uma aula de leitura. Assim, será possível compreender a partir de sua descrição, a realidade das situações de trabalho do professor e quais foram as concepções teóricas que embasaram a sua aula.

## **2 As concepções de leitura do formador de leitores**

A apresentação dos modelos de leitura possui intervenção direta pelo contexto sócio histórico e filosófico. E a utilização desses modelos, em sala de aula, tem muito a ver com uma série de consequências sócio-educacionais que interferem diretamente na formação de leitores. (PEIXOTO, 2007, p. 21)

De acordo com Braggio (1992), podemos contar com quatro modelos de concepções de leitura que muito influenciam a prática do formador de leitores: *mecanicista ou tradicional*; *psicolinguístico*; *interacionista de leitura*; e *sociopsicolinguístico*. A seguir, iremos descrever cada um dos modelos de leitura.

### **2.1 Modelo mecanicista ou tradicional**

Segundo Braggio (1992), o modelo de leitura tradicional ou mecanicista tem base na psicologia behaviorista ou comportamentalista e

no estruturalismo americano de Bloomfield. Muito utilizado por professores do Ensino Básico e ainda encontrado nos livros didáticos, o modelo mecanicista trata a linguagem como um sistema fechado, independente, em que todos os significados possíveis são retirados somente através do texto, de uma maneira explícita nos textos. E a sua interpretação é somente aquela guiada pela leitura do professor e permitida pelo autor do texto, não oferecendo ao aluno leitor nenhuma outra chance de interpretação, a partir de seu contexto social.

Ter como base, uma concepção que não consegue tratar dos conhecimentos prévios do aluno, e fazer com que ele consiga trazer para sala de aula, questões pertinentes ao assunto do texto, e que podem ser observadas em sua realidade, dificilmente trará alguma contribuição para sua formação como cidadão e leitor crítico.

## ***2.2 Modelo psicolinguístico***

Para Braggio (1992), o modelo de leitura psicolinguístico tem como base as reflexões de Chomsky. No entanto, diferentemente do modelo mecanicista, que tinha como foco a materialidade linguística, o modelo psicolinguístico tem o foco voltado para o leitor possuidor de conhecimentos prévios, mas sem considerar o contexto sócio-histórico em que o leitor e o texto se situam. O professor utilizará desse método quando perceber o processo de leitura como uma busca por significados. E a compreensão do texto é feita a partir de perguntas significativas que conseguem ser respondidas através da leitura do texto.

No entanto, apesar de ter tido grande avanço, esse modelo de leitura ainda não considera os aspectos socioculturais. E não concebem o texto como um objeto repleto de questões sociais a serem pensadas. A linguagem ainda é vista como independente em relação à sociedade.

## ***2.3 Modelo interacionista***

Segundo Braggio (1992), esse modelo de leitura surge em meados dos anos 60, a partir de influências principalmente da Linguística

e da Psicologia. No modelo interacionista podemos considerar grande avanço, pois agora, pode-se pensar nos leitores como indivíduos que pertencem a contextos sociais diferentes. Para este modelo destacam-se como bases teóricas os estudos da Sociolinguística, da Pragmática e da Psicolinguística. Nesse sentido, o texto é percebido como espaço de interação entre a materialidade linguística e o leitor do texto, que leva para sua interpretação todo o conhecimento de mundo e conhecimento linguístico que foram coletivamente construídos pelas gerações precedentes. Esses conhecimentos são acessados pelos leitores, que possui uma representação parcial e bastante funcional sobre os conhecimentos necessários para interpretação do texto.

Agora, o foco da leitura não está mais no texto ou somente no leitor, mas no processo de interação entre os dois. A leitura passa a ser um processo ativo de busca do significado que está na necessidade real de comunicação, articulada ao contexto social e histórico do leitor.

#### **2.4 Modelo sociopsicolinguístico**

No modelo sócio psicolinguístico, sugerido por Braggio (1992, p. 50), destaca-se que para que a interação em sala de aula é um fator fundamental de construção de sentidos do texto em situação de sala de aula. A construção de sentido do texto não acontece apenas entre leitor-autor do texto, via texto, mas também através dos sujeitos envolvidos no evento de leitura (professores e alunos) na construção de novos sentidos. Nesse sentido, a autora trata a aula de leitura como um evento formativo de leitores, sendo o professor o responsável pela formação dos alunos. Nesse modelo também, assim como no modelo interacionista, o contextos sóciohistóricos de geração dos textos e de interpretação dos leitores são fundamentais. Mas há um avanço em relação ao modelo anterior, na medida em que a aula de leitura passa a ocupar um lugar diferenciado para a interpretação do texto.

Assim, o professor passa a agir como mediador na formação de leitores, e o texto assume o caráter de interação, que passa a ser

construído coletivamente através de discussões em sala de aula. E o leitor passa a utilizar a leitura dos textos, para compreender sua realidade através de uma perspectiva social, construída entre colegas de sala e o professor.

É neste modelo que o professor deixa de ser mero transmissor do conhecimento e passa a ser formador de leitores capazes de refletir a sociedade a qual estão inseridos.

### **3 Instrução ao sócia como método de geração de dados**

Apresentamos aqui, de uma maneira resumida, algumas reflexões de cunho teórico sobre o método que gerou nossos dados, Instrução ao Sócia. Este método foi formulado a partir da preocupação em reaver e discutir a experiência real de operários em uma empresa, para isso, (Oddone *apud* BATISTA, RABELO, 2013) propôs a Instrução ao Sócia, que tinha como objetivo aflorar a forma como cada trabalhador executava sua atividade. Tratava-se de desenvolver uma psicologia do trabalho, na qual o trabalhador fosse o protagonista de sua ação, na medida em que o método possibilitava uma tomada de consciência de ações normalmente mecanizadas pelo trabalhador. Nesse sentido, o próprio método é formativo, uma vez que possibilita o acionamento das representações que o trabalhador constrói de seu trabalho, sendo esse acionamento responsável por uma abstração das ações e uma verdadeira possibilidade de tomada de consciência do trabalho anteriormente naturalizado pelo trabalhador. Oddone instigava, em suas pesquisas, que os trabalhadores instríssem um *eu auxiliar*, um sócia, para textualizar as suas ações no ambiente de trabalho.

Para isso, o comando lhes era dado era o seguinte:

Se existisse outra pessoa perfeitamente idêntica a você, do ponto de vista físico, como você diria a ela para se comportar na fábrica, em relação à tarefa, aos colegas, à hierarquia e à organização informal, de forma que ninguém percebesse que não se trata de você mesmo? (ODDONE, RE & BRIANTE, 1981, P. 57, *apud* BATISTA. RABELO, 2013, p.1).

No nosso caso, a partir deste mesmo comando, o professor será capaz de descrever o seu dia a dia em sala de aula e principalmente suas formas de abordar sua aula de leitura. Em seguida, baseado na descrição, poderemos realizar a análise e reconhecer sob que modelo o professor fundamenta suas aulas.

No âmbito da educação, em nosso país, a Clínica da Atividade e seus métodos estão sendo estudados e desenvolvidos em alguns Grupos de Estudos, podemos destacar os trabalhos desenvolvidos pelos grupos ALTER (Análise da Linguagem, trabalho educacional e suas relações) e ATELIER Linguagem e Trabalho da PUC-SP.

Os dois grupos acima citados, adotam a concepção do ensino como trabalho, analisando o trabalho do professor como um “verdadeiro trabalho”, no sentido marxista do termo, ou seja, percebem o trabalho humano, não alienado, como a maior potência de transformação do homem e do meio. Dentro dessa perspectiva, linguagem e desenvolvimento humano são percebidos de maneira intrínseca e inseparável, adotando, assim, um ponto de vista vygotskiano sobre o papel fundamental da linguagem nos processos de construção do pensamento abstrato e de desenvolvimento do homem. A partir do reconhecimento da importância da linguagem, é que escolhemos trabalhar com o método de Instrução ao Sósia, pois através do discurso realizado pelo professor é que conseguimos realizar as nossas análises.

A Instrução ao Sósia é um exercício em que o “futuro” sósia direciona a atividade do começo ao fim e, além disso, pode fazer interrupções o tempo todo a fim de ter uma melhor descrição durante a orientação do instrutor. O trabalhador tem a tarefa de orientar um indivíduo que seria o seu sósia, em uma perspectiva de instruí-lo de maneira que ninguém perceba a substituição, ou seja, ele deve descrever a sequência do seu trabalho detalhando-a, tratando de como deve ser realizado o trabalho e o porquê de seu trabalho ser desenvolvido daquela forma. Desta forma, se torna possível, trazer à tona a forma como cada

trabalhador realiza sua atividade, em que ele esteja no papel central (CLOT, 2007).

#### **4 Descrição metodológica: a geração dos dados**

O presente trabalho tem como objetivo analisar o agir do professor e a importância de sua intervenção para a formação de leitores críticos. Focalizaremos em apenas um professor que leciona língua portuguesa nas turmas de 2º e 3º ano da escola Camilo Brasiliense de Antônio Diogo em Redenção – CE.

Para o desenvolvimento da pesquisa a abordagem será a qualitativa, que de acordo com Goldenberg (1997) *apud* Portela (2004, p. 2)

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

A nossa pesquisa trata-se de um estudo de caso, em que analisaremos a aula de apenas um professor de língua portuguesa, dentre tantos no maciço de Baturité. No entanto, a partir das conclusões estabelecidas pelo trabalho é possível inferir alguma noção sobre o ofício do professor.

##### **4.1 Instrumento de coletas de dados**

Os procedimentos adotados para coleta de dados dessa pesquisa foram primeiramente a realização de uma entrevista ao professor, a fim de identificar a formação e o tempo de experiência em sala de aula. Nesse sentido, a entrevista serviu para fazer uma contextualização do trabalho do docente analisado.

Outro instrumento de coleta de dados que usamos como parte da entrevista foi o procedimento que é adotado na Ergonomia do trabalho

intitulado de instrução ao sócia. Este instrumento metodológico consiste na verbalização do trabalho do professor mediante o seguinte comando: Suponha que eu seja sua sócia e que amanhã vou substituí-lo em seu local de trabalho. Quais instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição? (Eu preciso que você descreva como eu devo me comportar desde a chegada à escola, com seus colegas de trabalho, etc. Até o final de sua aula.).

Na próxima seção, analisamos as representações que atravessam o agir representado do formador de leitores que analisamos.

## **5 Análise das representações do agir do formador de leitores.**

A análise das representações sobre o agir do professor foram realizadas a partir da aplicação de uma entrevista, que se divide em partes específicas. Inicialmente, buscamos conhecer o perfil do profissional que faz parte deste estudo, tentando conhecer sua formação, suas concepções e as metodologias em que se utiliza para trabalhar a leitura em sala de aula. Em seguida, fizemos uso de um método bastante utilizado na Ergonomia do Trabalho, em que consiste fazer com que o trabalhador fale sobre o ofício, de maneira a recorrer às representações que constrói sobre o mesmo, e no nosso caso, queríamos que o professor descrevesse fielmente o que aconteceu em sala de aula, através da reconstrução que ele realiza de seu trabalho cotidiano realizado na linguagem e pela linguagem. Dessa forma, faremos uma análise de conteúdo a partir dos blocos temáticos introduzidos pelas perguntas, e pelo discurso feito pela professora a partir de suas representações sobre sua aula de leitura. Visto que estamos trabalhando na perspectiva do *agir representado*, segundo Bronckart (2008), que refere-se ao que o trabalhador diz sobre o seu trabalho real. A partir disso podemos depreender uma parte opaca sobre o que o professor fala sobre seu trabalho, relacionando ao plano de abstração da tarefa que desempenhará em sala de aula.

## **Análise das representações reveladas na entrevista com o formador de leitores**

A seguir, temos a entrevista realizada com um professor de uma escola da rede pública e de nível médio. Essa entrevista serviu para que o professor verbalizasse sobre a sua formação e sobre o seu trabalho de uma maneira mais ampla. No texto abaixo, podemos ver na íntegra a entrevista transcrita por nós.

### **P1. Em que instituição você cursou sua graduação?**

*P2. Cursei na Unilab.*

### **P1. Quais disciplinas da sua graduação, você considera que contemplam a leitura de forma efetiva?**

*P2. Todas as disciplinas voltadas para a literatura, como Introdução aos estudos literários e as Literaturas em Língua portuguesa da primeira até a nona.*

### **P1. Você possui alguma formação continuada que abrange a área da leitura?**

*P2. Não, ainda não!*

**(Trecho da entrevista com a professora).**

Nesse primeiro bloco de perguntas, buscamos conhecer um pouco sobre o perfil do professor. Vimos que sua graduação foi na Unilab, uma Universidade que para além da literatura, possui um vasto número de professores linguistas, que lecionam disciplinas voltadas para a linguística que abrangem e trazem a tona discussões sobre o ensino de leitura em sala de aula. Percebemos a desvalorização, ou o não reconhecimento da professora, ao não citar os conhecimentos apreendidos em várias disciplinas da área e articulam conteúdos referentes a leitura para a formação de leitores críticos.

### **P1. Para você, qual a importância da leitura para a formação docente?**

*P2. Para mim, a leitura é fundamental pra gente poder entender e interpretar o mundo como um todo, seja no âmbito político-econômico, como também no social. Além disso, isso é tão importante, pois o indivíduo que não consegue ler enfrenta bastantes dificuldades na sociedade atual, se nós pensarmos que o fato de que viver em sociedade é estar imerso em ambientes majoritariamente letrados. Então é impossível não achar que a leitura é imprescindível para o desenvolvimento da autonomia social.*

**P1. Você possui hábito de leitura e se gosta, tem algum tipo de obra específica que você gosta de ler?** *P2. Sim, eu gosto de ler a bíblia, livros religiosos. Também gosto de alguns clássicos como, A normalista, Quarto de despejo, Sombra de reis Barbudos, algumas crônicas e contos também fazem parte de minhas leituras. (Trecho da entrevista com a professora).*

O segundo bloco de perguntas foi pensado, a fim de constatar a importância da leitura na vida do professor entrevistado e a presença da leitura em sua vida também. Visto que, segundo Krung (2015, p. 1), a leitura seria um dos principais fatores que auxiliam o professor no importante papel de ensinar os alunos a tornarem-se cidadãos críticos, capazes de pensar a sociedade a qual estão inseridos. E defende que, para que haja essa interação entre professor e aluno no processo de ensino de leitura, é preciso perceber o contexto social a qual o educando está inserido, para que seja propiciado um ambiente com condições favoráveis de aquisição.

A partir das respostas dadas pela professora, podemos inferir que ela compreende a leitura como um meio de interação capaz de fazer com que os alunos sejam capazes de refletir sobre os conteúdos apontados nos textos lidos. Podemos depreender isto, no trecho em que ela afirma que: *Para mim, a leitura é fundamental pra gente poder entender e interpretar o mundo como um todo, seja no âmbito político-econômico, como também no social.* (Trecho da entrevista com a professora, grifo nosso).

Foi possível deduzir também, a partir das obras citadas, como que a professora gosta de ler, que a docente é uma leitora ativa, mas sua área de interesse de leitura está totalmente voltada para a literatura, principalmente para a literatura Clássica.

**P1. E Sobre o seu planejamento como docente, como você seleciona os textos para a sua aula?**

*P2. Gosto de levar textos contemporâneos que chamem a atenção dos estudantes, geralmente trabalho com textos que sejam mais próximos ao cotidiano deles.*

**P1. Que papel o livro didático assume na realização de suas aulas? Você costuma seguir o roteiro que o livro didático propõe?**

*P2. Eu não utilizo o livro como a principal ferramenta, mas sempre utilizo para a realização de atividades relacionadas ao conteúdo. Sempre fazemos um novo roteiro a partir do livro didático, mas nem sempre seguimos à risca o que ele propõe.*

**P1. Em seu plano para uma aula de leitura, quais os objetivos que costuma traçar e que metodologias você utiliza para alcançá-los?**

*P2. Trabalho buscando desenvolver o gosto e o hábito de leitura, fazer com que os alunos enriqueçam o vocabulário. Sempre procuro estimular os alunos a desenvolverem seu próprio conhecimento em outras áreas.*

*E sobre a metodologia, primeiramente escolhemos uma obra curta que todos tenham acesso e então fazemos a leitura individual e posteriormente a coletiva. Após esse momento fazemos uma roda de conversa sobre o texto lido. (Trecho da entrevista com a professora).*

No terceiro bloco de perguntas, buscamos conhecer como o professor faz a seleção dos textos para a realização de suas aulas, e como ele planeja a utilização desses textos a fim de estimular a leitura em sala de aula. Sobre a condução de sua aula, podemos perceber pelas escolhas enunciativas da professora, manifestas na escolha da primeira pessoa do singular, em: **Gosto** de levar textos contemporâneos; **Eu não utilizo** o livro como a principal ferramenta, mas sempre **utilizo** para a realização de atividades relacionadas ao conteúdo, que ela se coloca como agente de sua prática, ou seja, ele define o que será estudo, define a escola de seu texto que considera contemporâneo, não deixando essa escolha a cargo apenas do autor do livro didático. Há aqui um trabalho de recondução do plano das aulas, a professora tem uma representação positiva de seu trabalho e de sua atuação enquanto formadora de leitores, processo em que é verdadeiramente mediadora do conhecimento e formadora de leitores. Em sua fala quando afirma: *Trabalho buscando desenvolver o gosto e o hábito de leitura, fazer com que os alunos enriqueçam o vocabulário. Sempre procuro estimular os alunos a desenvolverem seu próprio conhecimento em outras áreas.* (Trecho da entrevista com a professora). A implicação da professora, no que é dito, e as escolhas lexicais realizadas por ela, são pistas da representação que a professora constrói sobre o seu papel ativo na formação de leitores. Essa consciência na mediação revela a concepção de leitura sociopsicolinguística que a professora diz assumir em sala de aula. Pois ela está sempre buscando fazer com que seus alunos consigam ir além do texto, e busca levar texto que fazem parte do contexto dos alunos, valorizando assim o

conhecimento que eles já possuem para discussões dentro da sala de aula. É esta a concepção sociopsicolinguística trazida por Braggio (1992), em que a aula de leitura não é um momento em que abrange somente professor, aluno e texto, mas que também assumem elementos para além do texto, como o contexto em que os leitores estão inseridos, a fim de tomarem seus conhecimentos de mundo como base para as discussões sobre o texto.

Consideramos assim que se o professor perceber o seu trabalho pedagógico como um espaço interativo e de partilha, mediado pela linguagem, a reflexão sobre sua própria ação assume um significado especial (ANDRADE, 2008, p. 4010). É na interação que acontece através do diálogo entre professor e aluno, que se torna possível conhecer a realidade do outro e acontecer a partilha de conhecimentos.

**P1. De acordo com suas observações realizadas ao decorrer de suas aulas, que função as aulas de leitura exercem para seus alunos?**

*P2. Eles se apropriam de novas palavras e de novos conhecimentos, além de se tornarem mais críticos.*

**P1. E para você, o que é leitura?**

*P2. Pra mim, a leitura não é somente juntar sílabas e formar palavras, ou juntar palavras e formar orações e frases, para, além disso, é ter a capacidade de interpretar o que se ler, é ler e saber o que se está lendo, é estar ciente de que existe pausa, entonação, que existem alguns marcadores como o parêntese, ponto final, vírgula e saber interpretá-los. Pra mim leitura é o processo de ler e interpretar tudo o que se lê. (Trecho da entrevista realizada com a professora.)*

No quarto e último bloco de perguntas, buscou-se perceber a importância que as aulas de leitura exercem sobre a vida do aluno e o que o professor entende por leitura. De acordo com a resposta do professor compreendemos que realizar práticas de leitura não é somente decodificar o que está escrito, mas tornar os alunos capazes de compreender o que está sendo lido. E essa leitura não pode ser realizada de qualquer forma. O ambiente escolar precisa propiciar aos alunos, antes de tudo, uma leitura orientada de perto pelo professor, objetivando que eles alcancem o maior nível de compreensão possível (OLIVEIRA & ANTUNES, 2013, p.

64). Nas respostas acima, a professora assume uma explícita oposição à concepção mecanicista de leitura, descrita por Braggio (2005), principalmente no trecho *Pra mim, a leitura não é somente **juntar sílabas e formar palavras, ou juntar palavras e formar orações e frases, para, além disso, é ter a capacidade de interpretar o que se ler (...)*** (trecho da entrevista com a professora, grifo nosso). A docente recorre aos seus conhecimentos sobre a teoria da leitura para fazer a contraposição, assumindo uma concepção engajada na formação de leitores críticos. Ela também se implica no julgamento quando diz: Para mim, (...), assumindo a responsabilidade do é dito.

No tópico a seguir teremos a análise da descrição feita pela professora, a partir de suas representações sobre sua aula de leitura, a partir do procedimento de instrução ao Sósia.

## **5.2 Análise das representações do trabalho do professor reveladas na instrução ao sósia**

Iniciamos o segundo procedimento de instrução ao sósia com o comando o seguinte comando:

P1. Suponha que eu seja sua sósia e que amanhã vou substituí-lo em seu local de trabalho. Quais instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição? (Eu preciso que você descreva como eu devo me comportar desde a chegada à escola, com seus colegas de trabalho, etc. Até o final de sua aula.) (transcrição da introdução da entrevista)

P2. *Tá bom, eu vou tentar! Quando chegar à escola dê bom dia ao porteiro e aos alunos que estiverem no portão. Entre na sala dos professores dê bom dia a todos. Fale com as meninas da área de linguagens e códigos e coloque a sua identificação biométrica. Pegue a chave da sala e vá até ela. Quando chegar fale os alunos, sorria e escute o que eles têm a dizer. Pergunte se estão bem. Faça a frequência. Passe em cada cadeira verificando se a atividade de casa foi feita e então anote em seu registro. Corrija atividade com eles da seguinte forma: peça que eles façam a leitura em voz alta das questões e então pergunte sobre as respostas deles. Não precisa considerar certa só a resposta do livro, se o que eles consideram que é a resposta tem alguma coisa a ver com o que tá no livro, então considere correto também. Acabando a correção, fale que irão trabalhar um texto novo... huum... deixa eu pensar em um texto que foi trabalhado essa semana... Ah! "O texto Meu ideal seria escrever, de Rubem Braga". Escreva o cabeçalho no quadro, e nele coloque o tema interpretação textual e o nome do texto. Distribua a Xerox entre os alunos, e em seguida faça um levantamento sobre o eu eles sabem sobre o texto. Faça perguntas do tipo: Vocês já viram*  
1 Graduanda no curso de Letras – Português, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. E-mail: thamires.tp94@hotmail.com

*esse texto? Já leram? Conhecem o autor? Logo depois peça que eles façam uma primeira leitura silenciosa do texto, em seguida faça uma leitura com todos os alunos, se você achar necessário ir parando e explicando alguma coisa sobre o texto, é bom. Porque às vezes eles acabam de ler um texto e nem sabe o que leram.*

*Quando terminarem a leitura, procure levantar uma discussão sobre o eu o texto quis repassar, pra que eles falem o que conseguiram entender do texto. Depois da discussão faça um questionário no quadro para que eles interpretem o texto. Dê um tempo máximo pra eles responderem, e enquanto eles tentam resolver, procure auxilia-los a todo o momento, indague-os sobre a existência de alguma dúvida, se eles realmente estão compreendendo o eu o texto está apresentando, procure fazer com eu eles associem o texto as suas realidades, comparando-o com algum problema ou acontecimento social. Depois faça a correção em grupo, se não der tempo diga eu vai fazer no outro dia, mas se der tempo corrija tentando discutir com ele cada questão. Pra eles conseguirem entender os sentidos que o texto trás. Quando o sinal tocar se despeça e saia. **(transcrição da instrução ao sócia).***

O primeiro aspecto a ser observado na fala da professora, quando faz a descrição de como um suposto sócia deve se comportar, é quanto a escolha do léxico feita pela professora, pois percebemos que ela reflete bem a tarefa que lhe foi solicitada. Ela faz uso de verbos no imperativo, como: *dê, entre, fale, pegue, coloque, escute, pergunte, faça, corrija*, entre outros. Percebemos que a utilização desses verbos é feita geralmente para dar uma ordem, ou para narrar uma ação que ainda acontecerá no futuro. Essas escolhas linguísticas permite-nos perceber uma tomada de consciência do agir da professora, possibilitada pelo método instrução ao sócia, que por si só, já é uma metodologia de intervenção no agir do trabalhador.

Quanto à descrição em si, em forma de proposta para uma suposta aula, a professora sugere que a aula inicie com uma correção de uma atividade de um conteúdo de outra aula, e recomenda que não seja feita somente considerando respostas certas e respostas erradas, ela aponta que não devem ser consideradas corretas apenas as respostas que estão idênticas as do livro. Vejamos, que desta forma ela tenta fugir do primeiro modelo tratado por Braggio (1992), que é o modelo mecanicista ou tradicional. Logo depois da correção, segundo as informações representadas pela professora, deve ser apresentado um novo texto a ser

trabalhado e a aula do dia será sobre interpretação textual. Ela sugere que haja um momento introdutório em que algumas perguntas devem ser feitas, esse momento denominamos de predição.

Consideramos este um momento de grande valia, pois acontecerá a interação entre professor e alunos, onde os mesmo trarão a tona seus conhecimentos prévios do texto a serem trabalhados.

Em seguida, a professora recomenda que seja realizada uma leitura em grupo, e que durante esta leitura o professor faça intermediações sempre que for preciso, para que haja um reforço na interpretação dos alunos.

Como próximo passo, a sugestão é que seja produzida uma atividade de interpretação textual, que deve ser copiada no quadro para que os alunos possam fazê-la. No entanto, o comando da professora instrutora é que durante o tempo em que os alunos copiem está atividade e passem a respondê-la haja a todo o momento um auxílio do professor, a fim de estimular os alunos a compreenderem os sentidos do texto e no que ele se relaciona, ou se aproxima de suas realidades, o que podemos chamar de mediação.

Desta forma, a partir do discurso do professor sobre como agir em uma aula de leitura, pode-se perceber que a concepção de leitura que ela busca embasar suas aulas é a última trazida por Braggio, que diz que a construção de sentido do texto não acontece apenas entre leitor-autor do texto, mas também através dos sujeitos envolvidos no evento de leitura (professores e alunos) na construção de novos sentidos.

À vista disso, o professor passa a agir como mediador na formação de leitores, e o texto assume o caráter de interação, que passa a ser construído coletivamente através de discussões em sala de aula. E o leitor passa a utilizar a leitura dos textos, para compreender sua realidade através de uma perspectiva social, construída entre colegas de sala e o professor.

É neste modelo que o professor deixa de ser mero transmissor do conhecimento e passa a ser formador de leitores capazes de refletir a

sociedade a qual estão inseridos. Assim, em uma aula como essa o professor consegue alcançar os objetivos de uma verdadeira aula de leitura, em que o aluno precisa aprender a criticar e a questionar, a partir de leituras de sua realidade.

## **6 Conclusão**

Compreendemos que o trabalho do professor é de grande importância para a formação crítica do aluno como cidadão. Ele é responsável por levar o conhecimento a uma geração que necessita ser capaz de indagar e refletir os problemas da realidade social em que estão situados. E para isso, ele dirige as suas aulas, que estão sempre atravessadas por concepções teóricas e pelas representações que ele constrói sobre o que é uma aula de leitura e como deve ser o seu trabalho. E são essas concepções teóricas e essas representações, que necessariamente, trazem desdobramentos para a formação do aluno, uma vez que funcionam, na verdade, como uma espécie de guia para ação, para o agir do professor. Desta forma, compreendemos que não existe prática pedagógica neutra.

Após realizada a análise das representações feita pelo professor participante da entrevista, percebemos que o modelo que emerge da fala do professor a partir do seu agir representado é a última trazida por Braggio, o modelo sociopsicolinguístico, que diz que a construção de sentido do texto não acontece apenas entre leitor-autor do texto, mas também através dos sujeitos envolvidos no evento de leitura (professores e alunos) na construção de novos sentidos.

Consideramos que este modelo utilizado seja o mais efetivo, no que diz respeito à formação de leitores capazes de questionar e criticar os problemas sociais, a partir de leituras que trazem os problemas existentes na sociedade em que estão inseridos. Pois, além da interação entre professor, aluno e texto, este modelo possibilita o diálogo com o contexto social a fim de construir novos sentidos ao texto. Os alunos deste professor em questão são felizes, por terem como professor, um sujeito

que está preocupado não somente em sua formação acadêmica, mas também se preocupa com a formação social de seus alunos.

## 7 Referências

BARBOSA, J.R.; ROCHA, M. E. R. M. **Leitura na sala de aula: formando leitores críticos**. In: II CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 2015, Paraíba: Universidade Estadual de Paraíba, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris, MACHADO, Verusk Ribeiro (orgs). **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo, parábola, p. 63-79, 2013.

BRAGGIO, Silvia Bigonjal. **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

\_\_\_\_\_, Silvia Lucia Bigonal. **Leitura e Alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística**. São Paulo: Artmed, 2005.

BRONCKART, J-P. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Tradução de MACHADO, A. R.; MATÊNCIO, M. L. M. Campinas: Mercado das Letras, 2008

\_\_\_\_\_. A atividade de linguagem frente à língua: homenagem a Ferdinand de Saussure. In: In: GUIMARÃES, A. M. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Org.). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 19-42.

\_\_\_\_\_. & BRONCKART, Jean-Paul. 2009. (Re-)Configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do Grupo ALTER-LAEL. In: ABREU-TARDELLI, Lília & CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs.). **Linguagem e Educação: O trabalho do professor em uma nova perspectiva**. Campinas, SP: Mercado de Letras. p. 31-78.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessária à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

1 Graduanda no curso de Letras – Português, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. E-mail: thamires.tp94@hotmail.com

LEURQUIN, Eulália Vera Lúcia Fraga. **Contrato de comunicação e concepções de leitura na prática pedagógica de língua portuguesa.** 2001. 238 f. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Educação. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Linguagem e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2001.

OLIVEIRA, Thais de, ANTUNES, Renata. Negligência na mediação do professor no trabalho de leitura. In: RICARDO, Stella Maris Bortoni-Ricardo, MACHADO, Veruska Ribeiro (Org). **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito.** São Paulo: Parábola, 2013.

PEIXOTO, Camila Maria Marques. **Análise da proposta de planejamento de aulas de leitura do material didático do Projovem.** 2007. 171 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará. 2007.

PORTELA, Girlene Lima. **Abordagens teórico-metodológicas.** Projeto de Pesquisa no ensino de Letras para o Curso de Formação de Professores da UEFS. 2004.